



ARGENTINA

Derrota nas eleições provinciais de Buenos Aires para o peronismo serve de referendo do governo para o pleito de outubro. Especialistas admitem motivos de preocupação para o presidente

Sinal de alerta para Javier Milei

» RODRIGO CRAVEIRO

Depois da derrota inesperada para o peronismo nas eleições legislativas provinciais de Buenos Aires, Javier Milei sinalizou que não mudaria o discurso, nem o rumo do governo. “Sem dúvida nenhuma, no plano político tivemos uma clara derrota. (...) Não existe opção de repetir erros: de olho no futuro, vamos corrigir todos os erros”, declarou, ao fazer menção às eleições nacionais de 26 de outubro. “Não retrocederemos nem um milímetro na política do governo. O curso não está apenas confirmado: vamos acelerá-lo e aprofundá-lo ainda mais”, acrescentou.

Com 99% das urnas apuradas na província de Buenos Aires, a coalizão peronista Fuerza Patria, de esquerda, obteve 47,28% dos votos, enquanto a coalizão governista Alianza La Libertad Avanza conseguiu apenas 33,71%. A importância da província está no fato de ela compor 38% do eleitorado argentino.

No dia seguinte ao revés, o líder ultralibertário se reuniu por duas vezes com o gabinete ministerial — pela manhã e à tarde. Ao fim do encontro, descartou mudanças no escalão do governo. Analistas políticos consultados pelo **Correio** admitem que a derrota em Buenos Aires tornará os próximos 47 dias, até as eleições nacionais de 26 de outubro, um período de atribulações e de tensão para Milei.

Professor de ciência política da Universidad de Buenos Aires (UBA), Miguel De Luca afirmou que o próprio presidente tratou as eleições provinciais como um referendo. “Vejo um grande prejuízo ao seu capital político, um dano autoinfligido. A política econômica não apresenta resultados que sejam capazes de reduzir a inflação. Há uma ausência de medidas para fazer frente aos escândalos de corrupção. Os aliados políticos de Milei sentem-se humilhados. O presidente errou em eleger a província de Buenos Aires como um ‘campo de batalha’”, avaliou.

Autocrítica

Por sua vez, Fanny Maidana — doutora em ciência política e professora da UBA e da Universidad Nacional de Litoral (em Santa Fe) — admite que a derrota de Milei era aguardada. “Os institutos de pesquisa davam vantagem para a Fuerza Patria, formada pelo governador Axel Kicillof e pelo

AFP



Não retrocederemos nem um milímetro na política do governo. O curso não está apenas confirmado: vamos acelerá-lo e aprofundá-lo ainda mais”

Javier Milei, presidente da Argentina

kirchnerismo. O que não se esperava era a diferença de pontos percentuais entre as duas forças. Alguns institutos mostravam cerca de oito a nove pontos percentuais para a Fuerza Patria, mas não os 14 pontos”, comentou. “É chamativa a vitória da Fuerza Patria, por exemplo, na cidade de Avellaneda, cuja maioria de habitantes é de classe média. O presidente mostrou-se calmo e, nas últimas aparições, baixou um pouco o tom, sustentando uma autocrítica, mas frisando que manterá o rumo.”

A analista vê um panorama “bastante complicado” para Milei. “A governabilidade é uma questão com a qual ele sempre teve problema, sem maioria na Câmara dos Deputados ou no Senado. Na semana passada, ele sofreu o primeiro revés entre os senadores”, lembrou Maidana, ao citar a decisão do Senado de reverter um veto presidencial a uma lei que garantiria a liberação de fundos para pessoas com deficiência.

Facundo Galván, também professor de ciência política da UBA, considera que o discurso de Milei pós-eleição foi “bastante atípico”. “Ele assumiu a derrota. A sobriedade, ao reconhecer um revés, fala muito. Ela instila moderação. Milei fez duas reuniões de gabinete e, a princípio, a única medida tomada foi a ampliação da Mesa Política Nacional, que agora contará com as presenças, além dele próprio e de sua irmã Karina, dos ministros Patricia Bullrich (Segurança Nacional), Guillermo Franco (Interior) e Luis Caputo (Economia). Não me parece que isso será suficiente para a Casa Rosada assimilar o golpe.”

ORIENTE MÉDIO

Atentado em Jerusalém eleva temor de ação em Gaza

Eram 10h15 em Jerusalém (4h15 em Brasília), quando dois terroristas se aproximaram de uma parada de ônibus, embarcaram e, de dentro do veículo, e abriram fogo contra os pedestres, usando uma submetralhadora artesanal “Carlo”, utilizada em atentados no passado. O ataque mais sangrento a atingir a cidade em dois anos matou seis pessoas, incluindo um imigrante espanhol, e feriu gravemente outras seis. “É uma resposta natural aos crimes da ocupação e ao genocídio que está sendo cometido contra nosso povo”, reagiu o movimento islamista palestino Hamas, sem reivindicar o ataque. Os terroristas foram abatidos.

Depois de visitar o local do atentado, em Jerusalém, o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu pediu à população da Cidade de Gaza que saia “agora” da principal área do território palestino. “Em dois dias, derrubamos 50 torres terroristas, e este é apenas o começo da intensificação das manobras terrestres na Cidade de Gaza. Digo aos moradores: Vocês foram advertidos, saiam agora!”, declarou, por meio de vídeo. Também ontem, quatro soldados israelenses morreram na explosão de um tanque de guerra em um acampamento das Forças de Defesa de Israel (IDF) no norte da Faixa de Gaza.

O sinal de que algo grave tinha ocorrido em Jerusalém foi percebido pelo paramédico árabe-israelense Fadi Dekaidk, da organização Magen David Adom. “Pela manhã, recebemos várias ligações sobre o tiroteio na parada de ônibus. Enviamos

Menahem Kahana/AFP



Forças de segurança diante de corpo no local do ataque a tiros, em Jerusalém Oriental

muitas ambulâncias para o local. Quando cheguei lá, deparei-me com uma situação horrível. Não foi fácil estar ali. Muitas pessoas estavam deitadas, sangrando e recebendo os primeiros socorros”, relatou ao **Correio**. “As vítimas receberam disparos por todo o corpo: na cabeça, nas costas e nas mãos. Nós, do Magen David Adom, aprendemos a salvar vidas, sem distinguir se são de árabes, judeus ou cristãos.”

Por sua vez, Daniel Katzenstein — socorrista especializado em respostas a traumas psicológicos do serviço médico United

Hatzalah — contou que viu muitas pessoas espalhadas pelo chão. “Eu e minha equipe tentamos intervir mais a distância, porque nosso foco é a reação ao estresse. Quando não tratado, ele pode causar transtorno de estresse pós-traumático”, explicou ao **Correio**. “Nós começamos a buscar aquelas pessoas sem qualquer resposta ou chorando incontrolavelmente. Fui até uma parada de ônibus que estava cheia de gente sentada no chão, com um semblante clássico de choque. O que fizemos foi tentar reconectar o paciente com o presente. Falei

com uma mulher que chorava sem parar e ajudei-a a falar com o marido, por telefone. Depois, conversei com um motorista de ônibus que saiu do veículo e correu para ajudar as pessoas. Ele estava apavorado. O que fiz foi reformular o incidente e reconstruir a cronologia do ataque. Isso dá à vítima um senso de empoderamento.”

Resistência

Morador da Cidade de Gaza, o fotógrafo Abood Salama acusou Netanyahu de tentar implementar um plano de deslocamento forçado, ao exigir que os habitantes movam-se imediatamente para as áreas ao sul e ao centro. “No entanto, a realidade no terreno mostra uma resiliência significativa dos cidadãos, que não têm escolha a não ser ficar na cidade ante a falta de opções reais de deslocamento. Muitos indicadores não oficiais mostram que 70% das escolas e acampamentos ao sul e ao centro da Faixa de Gaza estão lotadas de pessoas deslocadas do norte. É impossível acomodar milhares de novas famílias”, disse ao **Correio**.

Segundo Salama, famílias do norte de Gaza relatam que a morte as persegue por toda parte. “Palestinos descreveram os campos de deslocados no sul como ‘valas comuns’, citando os massacres que testemunharam. O deslocamento forçado enfrenta a firmeza dos cidadãos que optam por permanecer, tornando a Cidade de Gaza uma cena trágica.” (Rodrigo Craveiro)

FRANÇA

Stephanie de Sakutin/AFP



Bayrou é o quinto primeiro-ministro a cair no intervalo de um ano

Parlamentares derrubam o governo, e crise se aprofunda

Pela segunda vez em nove meses, a Assembleia Nacional da França derrubou um governo e aprofundou a crise política no país. Depois de um debate tenso sobre a dívida pública, durante o qual pediram eleições legislativas e até mesmo a renúncia de Emmanuel Macron, os parlamentares impuseram uma derrota ao oficialismo na votação de uma moção de confiança: 364 se opuseram, incluindo as oposições de esquerda e extrema direita, e apenas 194 votaram com o governo. Macron nem sequer cogita deixar o Palácio do Eliseu.

O gabinete de Macron anunciou que o presidente nomeará um novo primeiro-ministro “nos próximos dias”. Macron descartou antecipar as eleições, depois da queda do governo do premiê François Bayrou. Ele pretendia que a Assembleia Nacional apoiasse seu plano orçamentário para o próximo ano, o qual prevê cortes da ordem de 44 bilhões de euros (cerca de R\$ 279 bilhões).

Cientista político da Fundação Jean Jaurès (em Paris) e analista associado do Instituto de Relações Internacionais e Estratégicas (Iris), Jean-Yves Camus disse ao **Correio** que a queda do governo de Bayrou é reflexo da falta de uma maioria coerente na Assembleia Nacional. “O gabinete cessante era uma coligação peculiar de simpatizantes de Macron, conservadores de direita e membros da centro-direita do Partido Democrata Cristão de Bayrou. A atitude teimosa do primeiro-ministro, que pediu um voto de confiança, com o objetivo de obter apoio para a sua luta contra a dívida pública, cortando o orçamento do Estado sem considerar outras alternativas, explica o resultado da votação”, afirmou.

Antecipação

Segundo Camus, a esquerda, o Reagrupamento Nacional (extrema-direita) e até mesmo alguns deputados conservadores rejeitaram Bayrou por ele defender uma agenda política totalmente diferente. “A esquerda quer tributar os cidadãos com rendimentos elevados e as grandes empresas; Marine Le Pen (do Reagrupamento Nacional) quer poupar dinheiro, travando a imigração e combatendo aqueles que fraudam o sistema de assistência social; e os 13 conservadores que votaram contra a confiança querem que o seu partido deixe a coligação e faça uma verdadeira guinada para a direita”, analisou.

Camus acredita que Macron provavelmente escolherá a convocação de eleições antecipadas. Nesse cenário, o estudioso prevê que o partido do presidente pagará um preço “muito alto” por recusar-se em ouvir a crescente indignação de eleitores da classe média. “Eles sofrem uma carga tributária muito pesada, em comparação com os benefícios que recebem. Sem falar da classe trabalhadora, que vê o chamado Estado de bem-estar social entrar em colapso, e o abismo entre as rendas mais baixas e mais altas aumentar”, advertiu.

O premiê que suceder Bayrou será o quinto nomeado desde 2024. Desde a antecipação das eleições legislativas, também no ano passado, a França enfrenta uma grave instabilidade política, sem maiorias parlamentares estáveis. A incerteza no governo ocorre em um contexto de elevada dívida pública: cerca de 114% do Produto Interno Bruto (PIB) da terceira maior economia da Europa. (Rodrigo Craveiro)